



Esta obra possui uma Licença

Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional

Submissão: 07/09/2024 | Aprovação: 16/11/2024



<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/17222>

<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v18i31.17222>

Margens: Revista Interdisciplinar | e-ISSN:1982-5374 | V. 18 | N. 31 | Jul-Dez, 2024, pp. 221-237



Scopus

NEGRITUDE E CONTRACOLONIALIDADE: RETOMADA AFROCHILENA ARICA-CHILE¹

BLACKNESS AND COUNTERCOLONIALITY: AFROCHILENA RESUMPTION ARICA-CHILE

Luiz Carlos Silva dos Santos Junior  
Universidad de Playa Ancha – UPLA (Chile)²

Resumo: O presente artigo trata de experiências com a negritude pensada a partir de uma atitude contracolonial. Para isso é proposto um trancado entre experiências etnográficas ocorridos na cidade de Arica-Chile, com experiências vivenciais na cidade de Salvador-Bahia, onde as práticas de matrizes africanas territorializadas em ambos os territórios são apresentadas como defesas que nos ajuda a re-pensar sobre as histórias e as contra histórias desde uma forma resolutiva. Se nomear e poder, as “palavras germinantes” proposta pelo pensador e escritor quilombola Antônio Nego Bispo surgem então como forças e não como conceitos que ao lado das “existências poéticas” (SILVA MUMBUCA, 2019), multiplicam as narrativas potencializando o que foi a diáspora africana na América desde o ponto de vista das pessoas que vivenciaram e vivenciam essa experiência. A experiência afroarriquenha da retomada através desse olhar é vista não no sentido de uma prática para voltar a ser o que era antes, mas por meio dela é possível retirar o mais vital daquela experiência e fazer com que outras práticas de matrizes africanas possam compor e dialogar com elas.

Palavras-chave: Atitude contracolonial. Territórios. Palavras germinantes. Antônio Nego Bispo

Abstract: *Countercolonial attitude. Territories. Germinating words. Antônio Nego Bispo This article deals with experiences with blackness thought from a countercolonial attitude. For this, we propose a connection between ethnographic experiences that occurred in the city of Arica-Chile, with experiential experiences in the city of Salvador-Bahia, where the practices of African matrices territorialized in both territories are presented as defenses that help us rethink the stories and counter-stories from a resolute way. If naming is power, the “germinating words” proposed by the quilombola thinker and writer Antônio Nego Bispo then emerge as forces and not as concepts that, alongside the “poetic existences” (SILVA MUMBUCA, 2019), multiply the narratives, enhancing what the African diaspora was in America from the point of view of the people who experienced and experience this experience. The Afro-African experience of recovery through this perspective is seen not in the sense of a practice to return to what was before, but through it it is possible to extract the most vital from that experience and make other practices of African origins compose and dialogue with them.*

Keywords: *Atitude contracolonial. Territórios. Palavras germinantes. Antônio Nego Bispo*

¹ Este artigo está vinculado ao projeto de referência da Convocatória de Apoio a Técnicos para Laboratórios e Grupos de Pesquisa da UPLA, versão 2024, da Universidad de Playa Ancha de Ciencias de la Educación, aprovado pelo Decreto Isento N° 0279/2024 da Reitoria. Com encargo ao Convênio UPA 22991. Além disso, está relacionado ao "Laboratório de Pesquisa em Literatura e Culturas do Oceano e Catástrofes, coordenados pela Dra. Daiana Nascimento dos Santos no Departamento de Artes Integradas da Universidad de Playa Ancha, Valparaíso, Chile

² Doutorando em Antropologia pela Universidade Federal da Bahia (PPGA-UFBA). Departamento de Artes Integradas-Facultad de Artes- Universidad de Playa Ancha.. E-mail: pontedogalo3@gmail.com

INTRODUÇÃO

Sabe-se que no Brasil, nos últimos anos ocorreu na universidade brasileira à adoção da política de ação afirmativa. A partir dessa medida houve a possibilidade de um potencial de transformação da própria universidade, onde outras formas de pensar adentraram esse espaço. A partir da presença de pensadores oriundos das sociedades e grupos que são tradicionalmente objeto de estudo da antropologia, ocorreu uma irrupção no meio acadêmico de cosmologias e epistemes, que por não serem eurocentradas, foram desprezadas e relegadas a um estereótipo de exóticos. Tendo suas contribuições intelectuais subvalorizadas.

Nesse processo quero ressaltar aqui a ideia de contra “colonização” ou contracolonialidade, ideia fruto da concepção do pensador quilombola Antônio “Nego” Bispo, onde no exercício de traduzir a escrita para oralidade (do seu povo) e a oralidade para escrita, escreveu um livro “Colonização, quilombos, modos e significações” (2015), que tem afetado diretamente a academia e as práticas acadêmicas. Na antropologia brasileira, por exemplo, seu livro tem sido adotado no curso de graduação e na pós-graduação de diversas universidades. Entre muitos estudantes negros como eu, quilombolas e indígenas, tem sido “palavras germinantes” muito boas para pensar nossas trajetórias e nossas práticas dentro e fora desse meio acadêmico.

Com base no que tem sido discutido a partir dos trabalhos sobre a contracolônização do pensador quilombola supracitado, nesse artigo, busco pensar a negritude no norte do Chile – principalmente no setor do vale e da “costa” - com base no que ele propõe – em um capítulo de seu livro – a respeito da “Guerra das denominações”. Se nomear é um ato de poder, exerço aqui a ferramenta também ensinada por esse pensador de transformar as armas do colonizador em nossas defesas, para assim contrapor e contrariar o colonialismo. Outra referência acionada é “a primeira dissertação de mestrado do país [Brasil] contracolônial”³- “Uma escrita contra colonial do quilombo Mumbuca” (localizado no Jalapão – Tocantins), escrito pela pensadora quilombola, escritora e doutoranda Ana Mumbuca (2019). Nesse texto, são essas principais referências que nos ajudaram a pensar sobre a negritude em Arica, com base nos encontros que tivemos nessa região do norte do Chile.

A cidade de Arica apesar de estar situada no deserto do Atacama, uma das regiões mais secas do mundo, a água e outras formas de vida possibilitadas por ela fazem parte constitutiva da existência afro em Arica – principalmente em Azapa. As pessoas de lá se relacionam com essas forças, respeitam

³ Frase ocupada pelo próprio pensador quilombola Nego Bispo.

e tem todo um cuidado que ensina muito sobre como lidar com as diferenças de uma forma contra hegemônica. Para narrar e processar tudo isso na escrita é o repertório contra colonial - onde aparecem palavras como: confluência, transfluência, afroconfluência, existências poéticas, compartilhamento e muitas outras - que me aparece como o melhor caminho para seguir.

Esse aprendizado sobre a negritude no norte do Chile, junto aos saberes que formam minha trajetória de vida que são provenientes das matrizes afro (capoeira Angola e candomblé) reterritorializadas em Salvador Bahia, me instigam a pensar a negritude a partir de um propósito contracolonial. Por isso, acredito que seja interessante começar esse artigo a partir de alguns eventos etnográficos. Eles reúnem uma série de conhecimentos que as pessoas negras de Arica me ensinaram, a partir de suas relações com aquele espaço e o território. Como por exemplo as práticas negras naquela região como o Tumbe, as “cruces de mayo” ou o carnaval afro com o enterro e o desenterro do ño carnavalón.

Após isso, darei seguimento ao texto com a intenção de gerar um diálogo, com base na especulação, das experiências e argumentações das minhas amigas e amigos afroariqueños com algumas teorias e elaborações produzidas por filósofos, antropólogos e pensadores e pensadoras quilombolas que tem escrito a partir de um propósito contracolonial, como é o caso de Antonio Bispo e Ana Mumbuca já citados anteriormente.

Água com fogo e madeira com couro

Em cima de um forno a lenha, era possível ver uma espécie de barril com mais de um metro de altura. Ele estava firmado, em uma espécie de tela de ferro, muito parecida com as grelhas do “asado”, “parrilla” que se ocupam no “asado” chileno. O artesão, conhecido como luthier que está nesse processo de nascimento do tambor, o retira dessa região que está em chamas.

Quando ele retira rapidamente o tambor desse lugar, coloca-o no chão e com uma espécie de pincel em suas mãos, executa movimentos circulares com a força desse instrumento junto com a água. Dentro do que se pode ver, é uma pintura, onde o artista vai pincelando primeiramente a parte interna e posteriormente a parte externa do barril – até encontrar um determinado ponto. O lado de fora desse objeto também é pincelado, com pequenos golpes feitos pelo instrumento excessivamente molhado de água.

O mesmo artesão durante sua criação, antes de recolocar o barril no fogo, agrega algumas lascas de madeira em outro recipiente muito parecido a um tambor de ferro. Logo em seguida ele se senta, toma um caderno e começa a dizer-me as seguintes palavras:

bajo las arenas áridas, secas, casi inerte del gran desierto de Atacama. se guardan semillas que por muchos años esperan el momento propicio para salir al encuentro con el sol y deslumbrar con su belleza y colorido la humanidad.

Ele faz uma pausa e nesse momento o fogo - que consumia as lascas de madeira que ele tinha colocado na fogueira - ganha mais força gerando assim mais calor no espaço. Depois disso, ele se senta bastante concentrado e presente no que está fazendo, continua com a leitura de seu texto poético.

En Arica, ciudad anclada también en pleno desierto y besada por las costas del Pacifico, dormía pacientemente la memoria de gente negra. Que esperaba el momento preciso para salir a la luz. Y deslumbrar con su color, sabor, música y amor. El viento costero soplo y se internó por el valle de Azapa. Sacudiendo cañaverales, olivos y algodones. El viento también soplo el fogón y atizó a las brasas de este antiguo fuego que revivió y convocó a las ruedas de los abuelos. Que traían en su memoria la memoria de otros abuelos, que hoy ya son ancestros.

El fuego revivió y con él, bajo un cielo estrellado brotaron como manantial infinitos, cuentos, historias, vivencias, encuentros, desencuentros, penurias de gente negras que todos ya sabemos o casualidad el mismo trato a las personas de piel morena en toda latino américa. Familias que huyeron, otras regresaron y algunas jamás volvieron. Casualidad? Causalidad? Herencia africana? La gente negra amante de su tierra, luna, sol y estrellas, se acomodan entre mangos, algodones, cerros, vertientes y olivares. Con fiestas patronales, cantos a la cruz de mayo, 6 de enero y carnavales, la familia se reunió y el Tumbe Renació.

Casualidad? Causalidad? Herencia africana? Del barril aceitunero nació el tambor. Cuero, madera y fuego, elementos que acompañan al hombre desde tiempo de los tiempos. Con música la historia se contó y hoy al son del Tumbe vivimos, caminamos y recordamos que aquí en Azapa, en Arica, casi desde un barco la gente negra llego.

No final dessa cena, o luthier retoma a câmera em suas mãos e fazendo um close no barril de azeitona por dentro, mostra como o fogo vai esquentando, produzindo calor e liberando virtualidades da madeira que estava em um estado de “morte” para algumas pessoas que historicamente as haviam deixado nesse setor como “lixo”. Depois do fogo, O luthier filma o horizonte de seu ateliê que é o vale de Azapa, verde, com suas arvores frutíferas e frondosas de manga e muitas outras. O Vale dos negros, como é conhecido entre a população afroariquenha, onde emana vidas, forças e presenças ancestrais como é o caso dos Olivos e desse barril de azeitona, que historicamente para os colonizadores não tinham mais nenhuma serventia.

Essa pequena introdução ocorre desde uma experiencia que tive e sigo tendo com o local, onde escolhi e fui escolhido para realizar meu trabalho de doutorado. A cidade de Arica, mais

precisamente no vale de Azapa. O luthier da descrição é um grande amigo, que desde que o conheci e conversamos sobre minha intenção de entender melhor os processos de negritude nesse território negro nos Andes, ele tem sido um grande amigo, mestre, professor e colaborador também do meu trabalho.

Me lembro que esse texto que ele me escreveu, vem de uma série de encontros que tivemos pessoalmente e de forma remota - virtual – onde conversávamos até pelos sonhos. Em uma dessas conversas presenciais - que quase sempre estávamos tocando tambor, cantando, ele fazendo e me mostrando composições – lhe perguntei como era a melhor forma de tentar levar aquelas forças das nossas ancestralidades de matriz africana para o texto, sem enfraquecê-las. Diante da minha pergunta, sua resposta foi muito simples: - Hay que ser poeta!

E ele foi. Escreveu esse texto durante seu processo criativo com tambor, gravou tudo, leu em voz alta e compartilhou comigo. Yoni Olis, meu amigo que vai de uma fronteira para a outra⁴ sem perder o caminho de casa. Consegue naquelas metáforas da “semilla” e do despertar, transmitir o poder ou à força que é viver de forma envolvida e criativa com outros seres. Sobre essa criatividade que vem da fonte da tradição, penso como Ana Mumbuca (2020) ao falar do viver quilombola denomina as existências poética, essa defesa que tecemos onde temos ao mesmo tempo a alegria contemplativa de viver, vibrar, sentir a vida de forma envolvida e “gozar na dor e com a dor”. Uma ênfase a continuidade e a sensibilidade de sentir as outras vidas presentes no meio que estamos imersos.

Me lembro que se passaram quase dois anos desde a primeira vez que estive em Arica. Nesse período firmei a amizade com muita gente, além de Yoni Olis, fiquei muito amigo de outro luthier, capoeirista e professor de agronomia – Pancho Piñones. Conheci a senhora Marta Salgado, sua irmã - a senhora Olga Salgado, Don Sergio. Oriana Estay, Carolina “Coni” Letelier, Tañe e muitas outras pessoas. Esses encontros eram sempre resolutivos. As pessoas se interessavam pela Bahia de diversas formas. Quando voltava para casa, conversava sempre com Oriana sobre isso. Ela também desde o primeiro dia que nos encontramos me falava muito sobre Yemanjá. Foi assim que inicialmente junto com Oriana resolvemos produzir alguma coisa na ideia de fazer dialogar Arica, com a Bahia. Por nossos encontros sentíamos, ambos, que existiam conexões e que tínhamos que compartilhar isso com mais pessoas.

⁴ Essa é uma brincadeira que fiz com Yoni, porque ele é uruguaio, nascido na fronteira do Uruguai com o Brasil. Antes dos anos 2000, Yoni, de passagem pelo norte do Chile, se encontra com o barril de azeitona, embarca no propósito de retomada das práticas negras em Arica e tem uma contribuição importantíssima na transformação do barril de azeitona no tambor de Tumbé afrochileno. A partir desses acontecimentos, Yoni passa a morar no próprio vale de Azapa, onde vive até a presente data.

A nossa primeira tentativa, deu certo. Fabulamos e escrevemos um projeto de extensão da Universidade Federal da Bahia – que eu faço parte – onde a ideia era mostrar o Afroarica – um festival sobre as negritudes afroariquenhass. Mas nesse ano, 2020 estávamos em plena pandemia e por restrições sanitárias, suspenderam o festival. Somado a isso, minha amiga Oriana estava gestante e indicou uma amiga sua – que eu ainda não conhecia – chamada Yanina Rios.

Yanina, terminando sua formação em antropologia, muito envolvida também nas práticas negras dançava, tocava, vibrava o Tumbe e conhecia também sobre a Bahia. Me lembro que foi um encontro resolutivo que tivemos. Desde esse movimento, surgiu a ideia de que no lugar de mostrar o afroarica, mesmo em plena pandemia realizáramos um curta documentário com cinco vozes negras – todas da região ariquenha. O tempo que tinha estado em campo me ajudou bastante e juntos começamos a pensar nessas vozes. Nessa época, era início do ano de 2020 já tinha fortes relações com muitas pessoas afroariquenhass.

Então conversamos e decidimos escolher: Don Sergio, senhora Gina Rios, Rosa Lara, Pancho Piñones, Carolina Letelier e sua mãe, a senhora Olga Salgado. O processo foi de muito aprendizado, por ser afro, ariquenha e estar envolvida nas práticas do norte do Chile, herdeira dos mundos de lá, Yanina tinha boas relações com todas essas pessoas que eu também as conhecia e já sabia que tinham o interesse de fazer dialogar os mundos delas com os mundos que faziam parte de mim.

Afroconfluências e existências poéticas

Lembro que apresentamos e o documentário foi bem aceito pelo povo afroariquenho. Me lembro que uma das pessoas que assistiu me disse que gostou porque “ampliava a voz do povo afrochileno”, naquela época a lei de reconhecimento⁵ tinha sido aprovada a menos de dois anos e era necessário como me diziam visibilizar, ou melhor, propagar. Nós fizemos isso no “afroresistências”. Apresentamos no Brasil, na UFBA, no sul do Brasil – no cine Angola, participamos de festivais de “curta etnográfico” no próprio Chile (Arica nativa), no Equador, na Argentina e ficamos entre os dez selecionados da Reunião Brasileira de Antropologia do ano 2022.

Algum tempo depois, já de volta para a cidade de Salvador – Bahia, no bairro da Liberdade onde moro, encontrei uma amiga, Iaschas Camime e como ela era esteticista afro, combinamos de “apertar” meus dreads. Me lembro que fui até o seu salão. Além de esteticista afro, Camime também é ekedi do terreiro Ile Axe Torrun Gunan. No seu ambiente de trabalho, quando cheguei, percebi como estava decorado com uma série de elementos que evocavam as religiões de matrizes africanas

⁵ Lei de reconhecimento do povo tribal afrodescendente chileno.

na Bahia - orixás, velas, oferendas, altar e todas as histórias que ela me contava partiam ou chegavam nessas forças.

Eu, vendo tudo aquilo, enquanto ela apertava meus dreads, comentei com ela sobre o que estava começando a aprender sobre a negritude em Arica, no Chile. Achei que a melhor forma ali era mostra-lhe nosso curtadocumentario, o “Afroresistencias: memorias vivas em um rincon de los Andes”. Enquanto ela assistia, eu a olhava pelo espelho e via que se interessava muito. Me lembro que comentei com ela uma frase que a senhora Gina Rios disse no documentário “nós afros temos diferentes formas e em Arica temos a nossa”. Camime, em um desses momentos, deixou de olhar a tela de meu celular – que projetava o filme e me disse “fiquei de cara”. Logo em seguida fez um silêncio, parou de mexer no meu cabelo e logo me falou: “- Diante de Exu (que estava assentado em seu salão), você agora vai fazer um vídeo daqui (Salvador-Bahia) do nosso terreiro para mostrar lá (Arica-Chile).”

Naquela hora eu me lembrei que nesse mesmo dia fecharia as postulações para o mesmo edital de extensão que dois anos atrás havíamos ganhado para fazer o nosso primeiro trabalho audiovisual sobre Arica. Falei isso para ela e naquela mesma hora começamos a conversar para tentar pensar junto e ver como poderíamos traduzir tudo aquilo para escrita. Encurtando a história, que descrevo com detalhes na minha tese de doutorado, o projeto foi aprovado e se concretizou. Gravamos durante alguns dias em ocasiões diferentes no bairro da Liberdade – no salão de Iaschas Camime e também no terreiro, Ile Axe Torrun Gunan.

Com a autorização do pai Regi – o babalorixá da casa mencionada - e dos orixás, conseguimos também gravar uma cerimônia conhecida como “caruru dos Ibejis”. Me lembro de ter falado com o pai Regi por telefone – nessa época também estava no Chile e ele me disse assim “que história é essa que os negros no Chile não existem? Aí tem negro sim. Nós vamos mostrar a nossa força daqui para o pessoal ver daí”. Desligou o telefone.

No Chile, já em 2021, lançamos o primeiro curta documentário “Afroresistências”. Fizemos um lançamento na casa do Tumbe e tinha muita gente de diferentes gerações das famílias negras de Arica. Nesse mesmo dia, aproveitei para mostrar o que estava fazendo e lhes mostrei um recorte de dois minutos o que seria o novo curta documentário, já tentando um diálogo com Bahia através de Camime e do Ilê Axé Torrun Gunan.

As cenas que editei para mostrar todas tinham água – o pai rege lavando a cabeça de Camime no rio localizado atrás do terreiro, pessoas lavando suas contas, a água também sendo acionada para fazer misturas e para cozinhar os alimentos. As pessoas principalmente as mais velhas que estavam

no lugar ficaram muito interessadas. Acabei de mostrar e me lembro que algumas como Don Sergio, senhora Marta e a senhora Azeneth Baez conversaram comigo e o tema em comum era a referência que faziam sobre “os tempos de antes”. Parecia que em ambas as falas, o que ressoava nelas era a força dos tempos de antes, como era possível reconectar com as coisas de antes vendo o que agora acontece no terreiro de candomblé da Bahia.

Me lembrei que Luis Reyes Escate (2022) viveu uma situação muito parecida entre duas comunidades afrodescendentes e indígena no Peru. Segundo seu material etnográfico, ficar entre esses mundos que se conectavam também por meio da sua (nossa) presença em campo, poderia ser pensado como uma potência criativa que ele denominou no lugar de tradução como uma “transdução” (REYES ESCATE, 2022). Ida e volta, do meu mundo para o mundo deles e o mesmo movimento do mundo deles para o meu. Como disse Luis Reyes (2022) “tenía como labor aproximar entre sí las historias que aprendía en los mundos nativos para que sirvan de base uno del otro, o a la inversa, para que se establezcan uno sobre el otro, o se disipen uno en el otro, o se constituyan uno en el otro” (REYES ESCATE, 2022:29).

Nesse processo de estar no meio, operar também transformações que eu também senti estando em Arica. Seria no sentido de pensar “el proceso de transformarse al transitar” (REYES ESCATE, 2022:29). Uma transformação que ocorria enquanto me conectava com mais um modo de vida, de pensamento que assim como a Bahia apesar de que nada era igual se tratava de existências poéticas (MUMBUCA, 2021).

Para operar tudo aquilo, sem perder a força dos mundos ou dos meios de onde elas vinham, sabia que precisava também das palavras germinantes e dos saberes orgânicos, como diz Antônio “Nego” Bispo. Me sentia envolvido com Arica, com responsabilidade em responder a tudo aquilo que estava me chamando e me afetando. Nesse dilema, nessa encruzilhada, eu sabia que Antônio Nego Bispo se soubesse o que estava acontecendo poderia me ajudar.

Então, resolvi ligar para ele. Como tínhamos uma relação de amizade, um dia lhe liguei e comecei a contar sobre as coisas que eu estava vendo no norte do Chile, mencionei desse novo proposito – de pensar esse diálogo entre negritudes - e lhe disse algo que no final mencionei sobre esses movimentos afro em latinoamerica a partir do conceito de “afrodiaspóricos”. Bispo com toda sua maestria, simplicidade e um poder de oratória que invejava a qualquer professor e até mesmo aos políticos, me disse em poucas palavras: “- Meu querido! Afrodiaspóricos coisa nenhuma, somos afroconfluentes!”

Rapidamente, comecei a pensar que mesmo nada sendo igual, como disse a senhora Gina Rios no “afroresistencias”, “nós afros temos diferentes formas e aqui em Azapa nós temos as nossas”, havia formas e até perspectivas que se pareciam muito. A forma de se relacionar com outros seres eram muito parecidas. A minha ideia de falar com Bispo era porque ele, além de ser o pensador era um exímio tradutor, toda sua vida traduzindo a escrita para a oralidade e a oralidade para escrita. Fiz bem em ligar porque ele propôs assim o “afroconfluência” para alargar e dar outros sentidos a diáspora e aos reencontros que estavam acontecendo. Contracolonizar a diáspora, aonde a branquitude ver separação e estados nações, nós podemos ver existências poéticas que mesmo não sendo iguais tem saberes cosmológicos que fazem modos de vida e de pensamento entrarem em relação e diálogo.

Dessa palavra germinante “afroconfluências”, fiquei pensando sobre os ritmos cósmicos, porque além da água, os vídeos (gravados no Ile Axe Torrun Gunan e na cidade de Arica) mostravam os ritmos entoados no terreiro de candomblé e também em Arica com o Tumbe. Então, como propôs Victoria Santa Cruz, “o negro nunca foi escravo porque nunca foi possível escravizar o seu ritmo interior”. O ritmo cósmico seria essa força incapturável. Mas desde a contracolonização ela precisa ser sentida, colocada em prática, resolutive. Por isso que trocar “afrodiaspórico” pela afroconfluência nos permite pensar sobre a trajetória histórica dos modos de vidas negras na América na chave da criatividade e da força em manter continuidades. Com respeito a isso, tanto no candomblé como no Tumbe afroariquenho se agregam forças originárias também. Marcio Goldman diria “forças centrípetas”, no sentido de ser um modo de pensamento e uma forma de lidar com as diferenças – que pode se enriquecer agregando outras coisas. Mas também ele analisa as forças centrífugas.

Essas últimas, podem agregar variações. Variações que mesmo no processo de derivas históricas podem se olhar e se reconhecer. Por exemplo, quando um praticante de Tumbe reconhece nos toques do candomblé ressonâncias e relações com o ritmo afroariquenho. Isso porque essa composição a partir das matrizes africanas na América – resultado de uma desterritorialização e uma sucessiva reterritorialização – pela sua criatividade, deu ramos que deram manifestações de territórios tão afastados mais que se reconhecem nessa dimensão cósmica do ritmo, pensando outra vez com Victoria Santa Cruz. Uma diáspora em outro sentido, não de enfraquecimento, mas de potencialização. Pensando nos ritmos e também no movimento das águas,

Entonces, el agua tiene esa grandeza de transfluir a través de los vapores, transfluir a través de la infiltración o transfluir rompiendo paredes. Es decir, la fuerza de las aguas es una fuerza que está en todo, y así está en todas las vidas, porque el agua está en todos los lugares. En los árboles, animales, piedras. Entonces, las aguas están en todas las vidas y de una forma fantástica.

Están en los movimientos y mueven todo. (Bispo dos Santos & Dorneles, 2021)

As chuvas de verão e a transfluência

Por falar das águas, outra palavra germinante que aprendi lendo e ouvindo Antônio Nego Bispo e que me parecia traduzir de uma forma que a força do acontecimento não se perdesse quando reduzido para a escrita era a “transfluência”. O pensador e escritor conta que “essa foi mais difícil de elaborar”, mas conversando com “mãe Joana” – sua avó materna - um dia escutou um barulho no céu e perguntou o que era. Ela, olha para ele e responde “é o rio do céu, meu filho”. Bispo conta a partir dessa história como foi possível repensar a ideia da diáspora a partir do movimento das águas, como nossos saberes vinheram de África pra cá? Pelos rios do céu.

Os rios do céu, mais do que um simples conceito, foi uma palavra germinante que brotou no sentido de me fazer pensar de forma contracolonial a experiência afro no norte do Chile. Em Arica ocorrem chuvas de verão, uma vez por ano e são conhecidas como o fenômeno “la bajada del río San José”. Sem dúvidas que conhecer a profundidade e a complexidade que as pessoas viviam o ciclo hidrográfico no vale de Azapa me remeteu rapidamente a ideia da transfluência. Essas águas que chegam no deserto do Atacama viajam pelos rios do céu desde o Brasil até chegar ao Chile.

Conversei com muita gente sobre esse tema. Com todas as pessoas que eu falava, principalmente negras, houve concordâncias a respeito das afroconfluências. Elas viviam de forma resolutiva a transfluência, pois a água era parte constitutiva da vida azapeña, todo mundo sabe que “sem água noa há vida”. Ali não havia a cosmofofia, porque os saberes são cosmológicos e politeístas. Parecia que estava tudo em constante vibração, em movimento. Se comemora todo ano por exemplo “la bajada del río San José”. Se celebra a continuidade, com as chuvas de verão o rio desce, corre e percorre mais de 4 metros de altitude, do altiplano, somando um total de mais de 45 quilômetros, até confluírem – que são dois grandes rios, o Tignamar e o rio Seco – em um rio conhecido como rio “San José”.

O carnaval afro, por exemplo é sobre essa celebração da água, da vida, esse ciclo hidrográfico que está completamente ligado com as vidas no norte do Chile. O Altiplano andino, o deserto do Atacama, regiões pre-cordilheiranas, são movimentos que envolvem diferentes tipos de espaço. A água percorre desde o Brasil, evapora e pelos rios do céu, chegam até o Chile. É aí que do encontro, produz-se um choque com a cordilheira dos Andes e o resultado é a descida da água daquelas altitudes em forma de chuva, *lluvias estivales*, *lluvias de verano* ou a *primavera boliviana/andina*.

Sem querer adentrar muito na interpretação ou na explicação desse acontecimento, gostaria de mencionar um evento que ocorre durante esse período de celebração da agricultura, da vida, que tem a ver com a forma como o povo azapeño (incluído muita gente aymara) se relaciona com a terra. Existe uma celebração que é feita através do enterro e desenterro do *ño carnavalon*. Como o que está em jogo no carnaval afro é agradecer a terra “a la Pachamama, Inti o como quieran llamar”⁶. Sobre o “ño carnavalon”,

[...] corresponde a una huaca. Es decir, “algo sagrado”, ya sea un objeto o un lugar, que no representa nada ni está ungido por una sacralidad abstracta, sino que es poderoso y eficaz a partir de su propia materialidad, la cual le permite participar en redes de relaciones sociales y vitales entre los pueblos andinos (Mora Rivera, 2022)

Não somente vinculado ao povo afro, mas também presente na composição de mundo dos povos andinos, ele é feito de pano, medindo mais ou menos 1,70m de altura e é religiosamente enterrado todos os anos no final dessas celebrações dos movimentos das águas. Junto com ele as pessoas enterram principalmente vinhos e pisco que “durante todo o ano seguinte vão receber a energia das montanhas, da terra, das águas, do vento, das luas e do sol”, é uma rede de relações. Dentro de uma das definições sobre o Ño Carnavalon pode-se perceber que ele é,

[...] una criatura antropomorfa, de aproximadamente un metro y medio de estatura. Viste elegante chaqueta de color oscuro, sombrero de caballero chuquisaqueño, chujpa hermosamente decorada y con vistosos lentes oscuros. Él despliega lujo y abundancia. En cuanto a su cuerpo, su carne está hecha de paja y sus huesos son palos de madera. Lo que no vemos, pero que se cuenta en su historia, es que en su origen fue chaltado (asperjado) con sangre de toro en una ceremonia llamada wylancha realizada entre familiares y amigos. Además, en su biografía se entretejen hebras andinas y afrodescendientes". (Mora Rivera, 2022).

O ño carnavalon é uma entidade relacionado com a água, com a terra e com as práticas afroazapenhas naquele território. Vale ressaltar que não é exclusivo do povo afrodescendente. Em Arica, aprendi que adquire outros sentidos a forma de se relacionar com água. Algo também etnografado por Luis Reyes (2020) nos andes. Esse antropólogo, também falou do tema da água no seu trabalho de campo no Peru, junto com agricultores. De acordo com o que ele aprendeu há uma perspectiva sobre a água,

[...] más que biogenética, es una entidad biosocial que aproxima y simetriza las relaciones que, desde la metafísica occidental, dividimos en los campos de lo natural y lo social. Esto resuena con la advertencia de Guattari quien nos dice que “hoy menos que nunca puede separarse la naturaleza de la cultura, hay que aprender a pensar ‘transversalmente’ las interacciones entre ecosistemas, mecanósfera y Universo de referencia sociales e individuales” (Guattari, 1990: 33).

⁶ Como já escutei de um agricultor azapeño – “tio Lalo” - em uma conversa que teve com a antropóloga chilena Kuyen Railen Gerter em seu documentário “Fronteiras”.

Me parece que em Arica, no vale de Azapa, as celebrações com “la bajada del rio San Jose”, o “enterro e o desenterro do ño carnavalón”, a leitura do testamento durante o desenterro do ño carnavalón tem a ver com um tipo de aprendizado de – “não dissociar o biológico do social”, que significa “saber pensar transversalmente permitindo que la multiplicidad ecosófica pueda mantenerse latente” (Reyes Escate, 2020: p.91). Algo que quando passamos para a escrita deve ser feito com muito respeito e cuidado para não matar o que existe de mais vital naquelas experiências.

A própria celebração dessas outras vidas que povoam aquela terra e aquele território, é também uma defesa contra colonialista “e tem a grandeza de manter todo um aparato” (Bispo dos Santos, 2022: P.44). Nesse caso uma defesa no sentido de que mantém a continuidade e as forças das existências de outros tempos. Sem dúvidas, mais além da festa no sentido único de “comemoração”, elas são “instrumentos de defesa das nossas práticas (...) pois a festa é mais forte do que a Lei, o Estado não consegue quebrar os modos de vida quando eles estão envolvidos nas festas” (Bispo dos Santos, 2022: P.44).

Ao pensar na celebração da “bajada del rio San Jose”, ao lado do que o antropólogo Luis Reyes propõe sobre pensar a água como uma entidade biossocial – fazendo referência ao filósofo Guattari, penso também como esse carnaval afro do vale de azapa, praticado pelos afrodescendentes é um convite, um chamado, uma convocatória a pensar transversalmente com outros seres mais além do humano. Uma festa que além dos elementos citados também envolve a dimensão da comida que acompanha “o modo de vida compartilhado e o ciclo de plantio” (Bispo dos Santos, 2022: P.45) em Azapa.

Somos seres em vibração: a sensibilidade ao entorno

Das águas, voltamos aos tambores – porque se trata de começo, meio e começo de novo. Com relato de Yoni que começamos o texto podemos pensar muitas relações. Sobre esse ponto a pensadora quilombola Ana Mumbuca me disse uma vez “eles nunca nos vão entender porque nossos saberes são cosmológicos”. Yoni, quando conversávamos uma vez sobre o tambor, me disse algo que me fez lembrar da minha amiga Ana Mumbuca:

el colonial no tiene acceso al cosmo. La parte colonial – hubo un choque en este plano – el europeo con su estructura cuadrada con el espiritualmente salvaje del africano. Al terreno que uno entra mediante eso, es enérgico. El tambor pide, tiene que entrar con cierta energía – ni siempre pasa tampoco. (conversa pessoal com Yoni Olis)

Com essa ideia de que “o tambor pede”, ao lado de “Ao terreno que a gente entra mediante isso é enérgico”, Yoni mostra como trata-se dos saberes cosmológicos – mencionados por Ana

Mumbuca. Não se trata de não somente temer ao cosmo, mas estabelecer relações, decodificar, codificar e o tambor é um grande mediador do processo. Ele tem uma voz, chama, ou melhor, nas mesmas palavras de Yoni, ele “convoca”. Essa arte de convocar, como me explicou Yoni, não é um chamado exclusivo aos humanos, “*és otro tipo de llamado. Convoca el fuego – él participa en todo proceso de creación del tambor. Te puede destruir y tú puedes vivir con el fuego*”.

Quando escutei essa palavra “convocar” me lembrei de muita coisa que fazia sentido não somente para os afrodescentes nessa região, mas também para mim que é inclusive a ideia de pergunta e resposta na música negra – no meu caso específico na capoeira. Perguntei para ele como seria “convocar”. Yoni me olhou demonstrando que tinha muito para me dizer. Por isso seguiu falando sobre esse chamado e sobre convocar,

Convoca el baile, la vibración rítmica de un cuerpo y espíritu que se entrega a un mensaje emitido por el tambor. Son elementos potentes que lo atraviesan todo. El tambor es como una escala, un escenario. Me pasan varios tambores, cada tambor tiene una voz distinta, un carácter; ese carácter es lo que va conectando. Ese sonido viaja y hace que esas almas viajen, bien conversador, esa persona se vuelve loca. Su cuerpo está ahí, sigue estando ahí y después no se acuerda. (Y. Olis, comunicación personal, [23 de setembro de 2024]).

Ele seguiu falando sobre isso, saímos a varanda de sua oficina e de lá podemos ver o vale de Azapa. Naquela ocasião, ele apontou na direção dos rios, do verde no meio daquele grande deserto e me perguntou,

- Cuantos años tuvo esse barril tirado?
- ¿En que momento lo dejaron ahí? Cuantos soles, lluvias, lunas, esperando su momento?

Eu não respondi nada. Fiquei calado, pensativo, porque sabia pelo seu olhar que ele seguiria falando. Ele continuou,

- Los ríos pueden recorrer cientos de miles de kilómetros para encontrarse. Son imparables: superan cada barrera, cada obstáculo. Se evaporan, se congelan y vuelven a su estado líquido una y otra vez.

O ciclo hidrogáfico é o “começo, meio e começo” de novo que Antonio Nego Bispo sempre fala. Sempre que chegávamos a essas conversas com Yoni eu perguntava para ele como era possível escrever sobre tudo isso. Uma vez ele me disse que também nossos encontros, nos encontrávamos porque eu tinha uma certa “sensibilidade ao meu entorno”.

- Es evidente esta ahí – muy a la vista. Un colega tuyo que no tiene la sensibilidad puede pasar por Azapa y no veras nada que viste vos. As veces veras otras cosas. Pero eso tiene que ver con la sensibilidad al entorno.

Me lembro que quando Yoni me disse isso, e me explicou também que tudo aquilo estava acontecendo por causa da sensibilidade ao entorno que eu tinha adquirido ao longo da minha trajetória. Uma filósofa belga, Isabelle Stengers, fala exatamente sobre isso ao dizer da sensibilidade que a nossa trajetória nos deu aos acontecimentos que fomos expostos em nossas vidas.

Eu cresci escutando as histórias da escravidão que minha vó me contava – vinham como histórias de terror - minhas células rítmicas foram formadas a partir dos tambores dos terreiros de candomblé que por toda a minha vida escutava no bairro da Liberdade onde fui nascido e criado. Também pelos berimbaus e pelos tambores do Ile Aiyê sempre entoados no Curuzu e que ressoavam na minha casa. E as relações também com a capoeira Angola, com as águas na cidade das águas que é Salvador são alguns elementos que não poderia deixar de pensar.

São essas ressonâncias que senti estando nesse constante aprendizado que os encontros em Arica me ofereceram, junto com essa atitude contracolonial, pensei como é possível fazer com que em nossas práticas mundos e coisas se encontrem, se comuniquem, sem que elas percam a singularidade. Como diria Guattari em sua ideia sobre “heterogenesis” pensar como é possível que coisas diferentes se encontrem sem que ambas percam sua singularidade. Além disso, no caso da Bahia e de Arica, são encontros que fazem aflorar a força dos tempos de antes em ambas experiências existenciais e o repertório contracolonial era um trancado de defesas que facilitavam ajudar a processar tudo isso.

No pensamento social brasileiro e chileno, predominou durante muito tempo nas análises sociológicas, antropológicas e históricas o jeito como o ocidente pensa a diferença. No intuito de responder o que seriam aqueles Estados nacionais, aqueles estudos acionados para darem respostas ao Estado moderno, em busca do que seria a formação da sociedade brasileira ou chilena, determinavam em suas análises uma forma de lidar com as diferenças e com os encontros sempre por segregação e por fusão. Formas de ver que suprimem uma das partes do encontro.

Quando chamei autores como Antonios Nego Bispo, Ana Mumbuca, Luis Reyes, Marcio Goldman e as formulações de meus amigos e amigas afroarriquenhos aqui é para pensar outras formas onde prevalece uma formulação extraordinária feita por Bispo de que “nem tudo que se ajunta se mistura e nem tudo que se mistura se ajunta. Proposição essa que me ajudou a pensar aqui outras formas, que ainda estou aprendendo, sobre como se da a negritude em Arica e como esses fluxos de negritudes se encontram e podem gerar algo de simbiose, pode ensinar sobre conexões transversais, sobre possibilidades de pensar juntos e de se reconhecer em nossas diferenças.

Algumas considerações

Com a ideia de fechar esse escrito, pensando que “todo fim também pode ser um novo começo”, gostaria de trazer uma história, uma anedota contada por Antonio Nego Bispo, no ano de 2019, numa entrevista. Ele contava como, um amigo dele foi um dos maiores incentivadores para que ele escrevesse a oralidade para a escrita – com a intenção de escrever para a academia. Um pequeno trecho dessa história,

Qualquer viajante desavisado que percorrer o semiárido, vai passar sobre uma ponte e por baixo da ponte tem um rio, o rio tem água, porém ele não vê. Ele vai seguir olhando um tapete acinzentado de árvores muito bonitas e vaidosas, e nessas árvores tem aves, ele não vai ver. Mas de repente ele vai ver a torre de uma igreja e quando ele andar mais ele vai ver que perto da igreja existem várias casas ajoelhadas, e isso ele vai ver. É a mais fantástica expressão do poder, uma igreja no alto do morro e as casas ajoelhadas ao pé da igreja, mas quando depois ele voltar, se alguma chuva tiver caído ele vai passar na mesma ponte, no rio onde ele não viu as águas, e ele vai visitar o mesmo tapete agora não mais acinzentado, mas verde e ele vai ver as aves que ali já estavam. Porque é assim, só quem viver verá. (entrevista Bispo, 2019)

“Só quem viver verá”, que menciona Bispo, sentir a alegria de contemplar outras existências, ver vida onde há vida e viver de forma envolvida com elas. Acredito que pensar as negritudes de Arica de uma forma contra colonial é como diz Ana Mumbuca, sentir, vibrar... Para poder ver. Ver as “existências poéticas” (MUMBUCA, 2020), sentir que está vivo e que somos muito mais do que a branquitude nos quer vender.

Mas para isso devemos seguir ou aprender – com muito respeito e cuidado - como esses modos de vida se relacionam com outros seres vivos. Diante de toda uma catástrofe anunciada, saber que “somos a continuidade de nossos ancestrais”, é um caminho de sair do centro da narrativa, fugir do “excepcionalismo humano” para que outras virtualidades possam aparecer diante de nossas práticas de vida.

Então ser “contra” a colonização, nos convoca também a embarcamos numa atitude contra colonial, como propõe o pensador quilombola Antônio Bispo dos Santos – o negro Bispo. que não permite esquecer que a escravidão e o colonialismo não são apenas fenômenos molares e históricos que aconteceram no passado e que desapareceram ou mesmo podem vir a desaparecer; que elas também são forças moleculares ameaçadoras e sempre presentes, de modo que a luta contra elas só pode ser intensiva, ininterrupta e intransigente (Goldman, 2021:294).

Quando colocamos as palavras germinantes diante desses saberes afroariquenhos ou afrobaianos a intenção é contrariar o colonialismo, ao mesmo tempo que gorar os ovos dessa chocadoira – que é esse sistema capitalista de produção – substituí-los por ovos orgânicos. Com bem sinalizou Ana Mumbuca (2022), “estamos em um momento especialmente com possibilidades não

apenas de questionar o viver dos seres denominados racionais, mas de imprescindivelmente redirecionar as relações com a vida (SILVA MUMBUCA, 2022: 88). Acredito que essas práticas nos ajudam a “redirecionar as relações com a vida” e abrem realmente a possibilidade que “eles sintam vergonha de ser sintéticos. De nos explicar e de falar em nossos nomes”. É a nossa oportunidade de contagiá-los com o nosso viver compartilhado, em compartilhamento com o cosmos.

REFERENCIAS

ANJOS, José Carlos Gomes dos e FEHLAUER, Tércio Jacques. Para além do “pachamamismo”: Pachamama e Sumak Kawsay como potência cosmopolítica andina. **Revista Tellus**, Campo Grande, MS, ano 17, n. 32, p. 103-118, jan./abr. 2017.

ANJOS, José Carlos Gomes dos. 2006. **No território da linha cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira**. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

ANJOS, José Carlos Gomes dos. **A Filosofia Política da Religiosidade Afro-Brasileira como Patrimônio Cultural Africano**. Porto Alegre: Debates do NER, ano 9, n. 13, p. 77-96, 2008.

BÁ, Hampâte. “A Tradição Viva”. In: J. Ki-Zerbo (ed.). **História Geral da África I: Metodologia e Pré-história da África**. Brasília: UNESCO, p. 167-214, 2010.

BISPO DOS SANTOS, Antônio; GOLDMAN, Marcio. **Metafísica na Rede Debate: Cosmopolítica e Cosmofobia**. Debate com Marcio Goldman e Antônio Bispo dos Santos. Mediação Priscila Borges e Vânia Silva. Organização Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Metafísica, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IBlhkKzzHmo>.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **Colonização, Quilombos: Modos e Significações**. Brasília: INCTI, 2015.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. Somos da Terra. **Revista Piseagrama**, (12), p. 44-51, 2018.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **Colonização, Quilombos: Modos e Significações**. Brasília: Editora Ayó, 2019a.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. As Fronteiras entre o Saber Orgânico e o Saber Sintético. In: A. R. Oliva; M. C. Marona; R. C. G. Filice (org.). **Tecendo Redes Antirracistas: Áfricas, Brasis, Portugal**. São Paulo: Autêntica, 2019b.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. Entrevista com Antônio Bispo dos Santos. **Revista Coletiva**, 27, 2020.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

GOLDMAN, Marcio (org.). 2021. **Outras histórias**. Ensaios sobre a composição de mundos na América e na África (no prelo).

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. O Eterno Retorno do Encontro. In: A. Novaes (org.). **A Outra Margem do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 23-32, 1999.

MELLO, Cecília Campello do Amaral. 2003. **Obras de arte e conceitos: cultura e antropologia do ponto de vista de um grupo afro-indígena do sul da Bahia**. Dissertação de Mestrado, PPGAS-Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MORA RIVERA, Gerardo. El ño carnavalón no es un dios, tampoco un diablo. Una huaca contemporánea en San Miguel de Azapa (Chile). **Andes**, vol. 33, núm. 1, 2022. Instituto de Investigaciones en Ciencias Sociales y Humanidades, Argentina. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=12771246008>.

PIGNARRE, P. & STENGERS, I. **La brujería capitalista**. Editora: Hekht, 2018.

REYES ESCATE, Luis. 2018. **Negros devires**. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

REYES ESCATE, L. (2022). **Los hijos del lucero y el sol: una teoría etnográfica del mestizaje en los pueblos de Subtanjalla y Zaña**. Tese de doutorado. Universidad Federal de Río de Janeiro.

REYES ESCATE, L. (2020). Aminorando la antropología: Sobre la práctica antropológica y los practicantes de antropología. **Discursos Del Sur**, Revista De teoría crítica En Ciencias Sociales, 6, 127-147. <https://doi.org/10.15381/dds.v0i6.19320>

SANTA CRUZ, Victoria. (2000). **El importante rol que cumple el obstáculo**. El Peru en los albores del siglo XXI, Fondo Editorial de Congreso del Peru, pp. 231-244.

SILVA (MUMBUCA), Ana Claudia Matos. (2019). **Uma escrita contra-colonialista do Quilombo Mumbuca Jalapão-TO**. Brasília: Mestrado em sustentabilidade junto a povos e territórios tradicionais/UnB. Dissertação de Mestrado. https://repositorio.unb.br/handle/10482/37374_05/

SILVA (MUMBUCA), Ana Claudia Matos. (2020). O voo das abelhas da terra. **Caderno de Leituras** n.177, Belo Horizonte, Ed. Chão da Feira, 2020 disponível em: <https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2020/10/cad117_ana_mumbuca.pdf>

SILVA (MUMBUCA), Ana Claudia Matos. (2022). Ser quilombo. In: A. Bispo dos Santos, M. S. Rodrigues & L. Rufino (Orgs.), **Quatro cantos**. São Paulo: N-1 Edições. pp. 81-92.

VIVEIROS DE CASTRO, E. 2002. O nativo relativo. **Mana**, 8 (1), 113-148. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132002000100005>.